

MATTOS, Sérgio. Pureza Anônima. In *Retina*. Salvador: Gráfica Universitária da UFBA, 1975, pp. 91-123. (*Retina* é antologia poética que reúne cinco poetas: Vera Mattos, Santos Gonzaga, Lusmar Oliveira, Sérgio Mattos e Vera Gondim. Livro com 160 páginas. Capa de J. Arthur e ilustrações de Santos Gonzaga. Cada poeta teve uma apresentação específica e cada parte foi denominada por um título). No caso, com a seleção dos poemas de Sérgio Mattos foi denominada de “Pureza Anônima” e sua apresentação foi feita pelo poeta Fred Souza Castro).

PUREZA ANÔNIMA

Fred Souza Castro

Todas as pessoas sentem o apelo poético em algum momento da vida. Esse apelo, que nos leva a botar no papel nossas alegrias ou tristezas, dor e bem-estar, medo ou coragem, realidade ou transcendência, é um impulso natural para o “outro”. Mesmo que, imediatamente, não se pretenda a comunicação. Mesmo que essa comunicação somente aconteça muito depois de um tempo de vida. Quando a gente escreve, escreve para dizer “estive aqui. Vivi. Sofri, tive alegrias e tristezas. Tive medo. Tive coragem. Cumpri ou não cumpri minha tarefa de viver para”. Porque a gente vive “para”. Apenas esse “para” é diferente na medida em que se refere a “mim” ou ao “outro”. Escrever é pôr-se em questão. É deixar que o “outro” receptivo, julgue a nossa permanência nos escritos. E recrie neles a nossa e a sua própria vida, desejos, sentimentos, sensações. Aí está a responsabilidade do poeta.

SÉRGIO MATTOS vive seu tempo de vida, sentindo aquele apelo de que falamos acima. E escreve. E dá um depoimento de sua época tão sem poesia, mas que ele insiste em poetizar, muito embora, como diz em “Urbanizado” “O poeta urbano/ já não canta, chora./...a pressa e o stress”. E é essa pressa e esse stress que, muita vez, lhe impedem de exercitar o ato comunicador, como revela em “Perfeição”: “Senti o poema/somei os sentimentos/mas não o escrevi/ Era perfeito demais para existir”. Sim, as perfeições já caíram de moda. E o poeta, no mundo das coisas feitas em série, sente-se um pecador pelo simples fato de encontrar aquele “algo individualizado. Mas o vício poético exige, exige sempre, que escreva. Mesmo que se escrito não seja permanente, que o momento não seja o momento de escrever; mesmo que esteja diante de uma sinaleira prestes a dar passagem a sua máquina, ou no bulício de uma zona comercial, ou num supermercado.

Mesmo que esteja numa rua deserta, uma rua do Centro, no silêncio da noite, e não tenha um pedaço de papel. O poeta sabe “Numa rua deserta achei um verso/Para não perdê-lo na palma da mão / o escrevi/ Uma chuva sem importância / lavou minha mão e diluiu meu verso/ que correu no asfalto e sumiu”.

O poeta, hoje, é esse ser que se iguala no traje nos hábitos, nas profissões, no simples ir e vir pelas ruas de uma cidade moderna. Mas é, também, esse ser vários, capaz de ser muitos e se r ele mesmo em sua introspecção. O poeta PE, sempre, um duplo. É ele, que carrega com Ele-mesmo. E o diz assim: “...Represento muitos atos/ com fatos correlatos/ que guardo, retardo e reparto”. Assim, ele se entende e se planta em verso, para “permanecer”. Sérgio Mattos não pretende outra coisa, a nosso ver, senão, dar o seu recado. E achamos que o recado está dado.

SUICÍDIO TRISTE

Piu, piu, piu.
Um filho de sanhaço
Tentou solitário um vô
em direção ao sol.

Caiu num tacho de mel.
Mel, melado, melaço.
Coitado do sanhaço,
morreu
de tanto mel que bebeu.
(abril/1974)

CORRELAÇÃO

Nasci
no adiamento
contraditório
do calendário
sem qualquer repertório:
sou teatro
espetáculo
e platéia.

Represento muitos atos
com fatos correlatos,
que guardo, retardo e reparto.
(setembro/1974)

URBANIZADO

O poeta urbano
já não canta, chora.
Chora o sino, o apito,
o grito e o hino.
A quermesse e apreço,
a pressa e o stress.

(outubro/1974)

PERFEIÇÃO

(para Guido Guerra)

Senti o poema
somei os sentimentos
mas não o escrevi:
Era perfeito demais para existir...

(agosto/1971)

VERTICALIDADE

No crescimento vertical
de uma cidade
sepulta-se a humildade
do homem universal.
Chorei pingos de inspiração
pela falta de humanidade
desta vida teatral...

(maio/1974)

VERSO DILUÍDO

Numa rua deserta achei um verso.
Para não perdê-lo na palma da mão
o escrevi.
Uma chuva sem importância
lavou minha mão e diluiu meu verso
que correu no asfalto e sumiu.

(1974)

TE AMAREI SEM PÂNICO

Convém amar
enquanto vivo
– frágil mortal
sem forças para pensar –

Amarei sem fúria,
como quem não tem
pressa, e sussurrando
como quem pede perdão.
Te amarei sem pânico.

(junho/1971)

PUREZA ANÔNIMA

(para Julieta Isensée)

Dos píncaros
brotam as fontes
d'água fresca.
Beberei desta transparência
na esperança
de restituir a minh'alma
a pureza anônima
da primeira batida de meu coração...

(abril/1974)

INCOERÊNCIA

Plantei uma roseira
e os botões de rosa brotaram.
Para que uma roseira plantei
se a vida de espinhos está cheia?
(1974)

ESPELHO MÁGICO

Fixei um espelho
onde o passado calou.
Aspirei confidências
e perdi a inocência...
(outubro/1969)

VALOR (IN)VERSO

Passa, passa
passarinho.
Se você já não teme
o espantalho,
de quem o homem sente medo?
(julho/1975)

INIBIÇÃO

Sem lutas,
um desabafo surgiu
sem estandarte:
Estaria o alimento
imutável dos heróis
impregnado de sonhos tormentosos?
(dezembro/1968)

DE UMA VISÃO UTÓPICA

(para Jorge Amado)

O sol matutino libertou-me
com seus raios fulgurantes
e matei minha sede
na floresta da sabedoria.

Bebi a seiva de suas árvores
e criei raízes
na terra impoluída...

(dezembro/1973)